

## **CATIVOS POR NASCIMENTO, LIVRES POR DIREITO, REBELDES POR DIGNIDADE: A invasão do quilombo São Sebastião**

André Luís Bezerra Ferreira<sup>1</sup>

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente (REIS; GOMES, 1996, p.9).

A população escrava que por mais de três séculos impulsionou a produção econômica e moldou os padrões da sociedade colonial e imperial brasileira, não há de ser avaliada somente nessa perspectiva, pois em várias circunstâncias os cativos empreenderam manifestações em oposição ao trabalho e por inúmeras vezes estabeleceram negociações junto aos seus senhores.

Enquanto a escravidão vigorou em terras brasileiras, a demografia populacional do país se caracterizou pela disparidade entre homens livres e escravizados. Tal situação nos remete a análise, de qual maneira, uma sociedade pudesse ser desprovida do temor, havendo paralelamente poderosas ideologias políticas que em diversas ocasiões fomentaram os anseios da rebeldia escrava (REIS; SILVA, 1989).

“Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.<sup>2</sup> Assim, dentro das circunstâncias em que se viram envolvidos os escravizados no Brasil, apesar da árdua jornada de trabalho e de outras formas de opressão, conseguiram construir uma história capaz de imprimir na cultura brasileira traços linguísticos, religiosos, musicais, culinários do povo africano. Por outro lado, a disparidade da população negra em relação à livre condicionou o surgimento de constantes conflitos sociais, decorrendo disso a necessidade frequente de negociações com os demais segmentos da sociedade.

Além das negociações, os escravos muniram-se de diversos atos de resistências ao trabalho feitorizado. Organizavam-se de forma coerente ou incoerente. Opuseram-se por meio do corpo mole na realização das suas obrigações nos canaviais e engenhos, passaram a se apropriar dos produtos que geravam em seu trabalho. Quando fossem castigados

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Ciências Humanas com Habilitação em História pela Universidade Federal do Maranhão. É universitário bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível de Superior (CAPES), na qual, é integrante do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>2</sup> MARX, Karl. Dezoito Brumário de Louis Bonaparte.

injustamente faziam justiça com as próprias mãos, praticando o justicamento de senhores e feitores. E quando suas formas de resistências esgotavam, se manifestavam por meio do suicídio (FIABANI, 2005).

Todavia, as resistências de maior relevância empreendidas pelos cativos foram à fuga, organização dos grupos quilombolas, revoltas e insurreições. É comum associarmos a fuga como ocasionadora do surgimento dos quilombos, todavia, nem sempre que se libertavam do cativeiro os escravizados procuravam se refugiar nas matas, procurando se aglomerar nas camadas de pretos livres que viviam na cidade ou até buscavam o apadrinhamento de outros senhores.

As fugas estão intimamente ligadas à escravidão, um fenômeno previsível que se disseminou pelas fazendas brasileiras. Os motivos para a sua realização não se presumiam aos maus tratos, os escravizados empreendiam suas estratégias se considerassem a aplicação do castigo injustamente. Poderiam ser ocorridas de forma coletiva e individual, permanentes ou temporárias. A subjetividade como era encarada a punição pela fuga esboçava reações distintas nos cativos, levando alguns retornarem as senzalas após alguns dias de liberdade. Outros iam ao encontro dos familiares ou até mesmo procuravam seus antigos senhores. (GOMES, 1996)

“As fugas foram uma hemorragia incessante na produção escravista. Fugiam trabalhadores escravizados, de ambos os sexos, crianças, jovens, adultos ou já idosos; fugiam cativos das cidades, das residências, das embarcações, das chácaras, das fazendas, das olarias, das charqueadas. Fugia o cativo crioulo, que não conhecia outra vida, e o africano apenas ou há muito chegado ao Brasil, que vivera em liberdade. Fugia o cativo doméstico, o trabalhador do eito, o ganhador especializado. Escapavam em grupos ou aos pares, mas sobretudo sozinhos, para visitar amigos e parentes; viver como negros livres libertos nas cidades e nos campos; procurar a proteção de acoitador cúmplice; encontrar o abrigo em um ermo do interior. (FIABANI, 2005)

Aparentemente a fuga parece ser uma atitude simples realizada pelos escravizados, entretanto, não há de ser designada banalmente. Além de propor a liberdade aos escravizados, esse tipo de resistência delimitou as relações de poder, gerando em meio ao conflito, espaços para que pudessem ocorrer negociações que iam do senhor de escravo conservador ao cativo mais passivo. As fugas poderiam se distintas de duas formas: fugas reivindicatórias e fugas de rompimento<sup>3</sup>.

Em se tratando do Maranhão, durante o período oitocentista ocorreu uma grande proliferação de quilombos, consequência de um contexto histórico caracterizado por revoluções instigadas pelos ideais franceses que agitaram os quadrantes do território nacional,

---

<sup>3</sup> Classificação atribuída pelos autores João José Reis e Eduardo Silva na obra *Negociação e Conflito* (1989).

causando um denso clima de instabilidade política no Império brasileiro. Além dessas razões, as aversões do negro ao trabalho passam a ser embasadas pelos princípios liberais, pois durante o Primeiro Reinado houve uma intensificação dos movimentos populares, onde estes passam a fortalecer laços com os escravizados e os quilombos adquirem novas dimensões.

No referido período as relações de negociações entre senhores e escravizados tornaram-se próximas e intensas. O escravizado teve o seu grau de autonomia elevado, desfrutando de benefícios, como sair das fazendas para comercializar alguns produtos através da troca, era concebido o direito de visitas aos parentes e amigos que viviam em outras fazendas, passaram ainda a estabelecerem o tempo de trabalho, além de organizarem festejos para cultuarem suas tradições.

Durante o século XVIII os atuais Estados do Maranhão e Pará estavam incorporados a uma única faixa territorial, todavia, com o alvorecer do período oitocentista, foram desmembrados e tornaram-se províncias independentes entre si. Consequentemente, o município de Turiaçu pertencente ao Estado do Grão-Pará passou a integrar o território maranhense e junto ao município do Gurupi estabeleceram as fronteiras entre as duas províncias. A presença dos grupos quilombolas, indígenas, colonos e camponeses, também foram um fator relevante no processo da separação, pois estes grupos demarcavam e estabeleciam as suas próprias fronteiras, após conciliações, perseguições e batalhas (GOMES, 2011).

Na atualidade, o município de Turiaçu está localizado na Baixada Ocidental Maranhense, terminologia empregada por geógrafos para designar a região dos lagos e campos do Maranhão. Enquanto a economia do norte brasileiro foi regida pela Companhia de Comércio do Estado Grão-Pará e Maranhão a Baixada era uma área estratégica para o desenvolvimento da produção agrícola. Uma vez que toda produção no período provinha da mão de obra escravizada, a referida região se configurou como um grande eixo da concentração negra no Estado, tendo sua sociedade caracterizada pelos padrões do sistema escravista.

No século XIX, os atuais municípios da Baixada Maranhense não tinham seus limites determinados, podendo representar uma única localidade. Como exemplo, podemos citar a localidade do Braço do Laranjal, a qual abrangia as atuais cidades de Pinheiro, São Bento e São Vicente de Ferrer (GOMES, 2005). Foi nas proximidades desse lugar que se estabeleceu umas das mais relevantes resistências escrava na Baixada Maranhense, o mocambo de São Sebastião.

O São Sebastião era um quilombo estabelecido nas ribeiras do rio Turi, habitado por quatrocentos quilombolas. Em 17 de Fevereiro de 1875, o delegado de Polícia de Turiaçu, informava que “os quilombolas, começam a fazer correrias pelas fazendas, no intuito de conduzir os escravos para os quilombos, o que tem conseguido, tendo já alguns desaparecidos de diversas fazendas”. Segundo Assunção (1996) o mocambo de São Sebastião estaria incluso no grupo de “quilombos tardios”, ou seja, era uma das organizações negras que veio a se estabelecer no fim da escravidão enquanto instituição. Estaria estruturado da seguinte forma:

[...] 58 casas, cobertas de palha e tapadas de barro, na maior parte com portas e janelas de madeira, sendo 2 denominadas casas de Santo, bem distintas pelas cruzes levantadas em frente, 3 de fazer farinha com os competentes fornos, 1 depósito e eira, outra guardando 1 alambique de barro, e as demais habitação dos quilombolas, porém todas sem simetria alguma, tanto assim que só haviam duas ruas menos irregulares – a de cima e a de baixo – separadas uma da outra pelo adro da Capella velha; duas engenhocas de moer canna, movidas a mão, grande bananal e diversas árvores frutíferas, muita plantação de fumo pelos quintais assim como de ananases, bastante mandioca, algodão, e uma bonita e grande criação de galinhas e patos, com a circunstância muito vantajosa de passar pelos pés do estabelecimento um braço do Japenicana (denominado Igarapé de casa) que nunca havia secado<sup>4</sup>.

É natural que o senso comum associe “quilombo como local de rebeldia, e senzala, suposto espaço de irremediável acomodação”<sup>5</sup>. No entanto, esses ambientes não podem ser analisados de forma simplória e banal, pois o próprio mocambo de São Sebastião pode ser utilizado para desmistificar tal concepção. Por toda a América, os negros, independentes de suas condições, planejaram e difundiram “microssociedades camponesas”, que se ostentavam por meio das alianças entre quilombos e as demais camadas sociais. Ainda que tivessem suas indiferenças, todas se assemelhavam pelo fato de “compartilharem a identidade étnica e as noções de territórios na sua base econômica agrária”. (GOMES; PIRES, 2009, p.103)

Conforme Assunção, (1996) a comunidade camponesa São Sebastiana se inseria num ciclo de organizações quilombolas que se estabeleceram na Baixada Maranhense no período oitocentista. Essas organizações se diferiam das demais que existiram no Maranhão pelo fato de não serem sustentadas apenas da caça, pesca e agricultura de subsistência. Ainda que estivessem à margem da sociedade, esses grupos desenvolveram a pecuária, vendiam algodão e fumo, além da atividade mineradora.

No mês de março do ano de 1876 foi organizada uma comitiva pela Comarca de São Bento com o intuito de desarticular o mocambo e reprimir qualquer reação estipulada

---

<sup>4</sup> Arquivo Público do Estado do Maranhão. Secretaria de Governo (Autoridades Militares). Diferentes Majores 1832 – 1892. Caixa 181, avulsos. Relatório e ofício Major Honorato Cândido Ferreira Caldas, 1877.

<sup>5</sup> GOMES, Flávio; PIRES, Antonio Liberac C. S. Origens da roça negra. In: FIGUEREIDO, Luciano (Org.). A era da escravidão. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. p. 103- 106.

pelos mocambeiros. Todavia, a operação foi posta em prática no período eleitoral, fator que também colaborou para que a mesma não se sucedesse. O combate contra os quilombos era uma tarefa árdua, além de requerer paciência e a formulação de uma boa estratégia. A disparidade populacional entre escravos e livres, os agitados políticos por quais passavam a Província, as condições geográficas que favoreciam os mocambeiros, e a complexa estrutura dos quilombos, na medida em que colaboravam para a prosperidade dos quilombos, outrora, eram os empecilhos para que não sucedessem as suas repressões.

Em Novembro do ano de 1876, o Major Honorato Candido Ferreira Caldas seria incumbido de organizar uma nova expedição militar para o combate contra o quilombo São Sebastião. A vila de Pinheiro serviu como ponto de partida, “visto que as ocorrências havidas até então, além de baldas de interesse com relação ao desideratum da diligencia, já tinham sido comunicadas a Previdencia nos seus officios de 11, 21 e 22 do referido mez de novembro”.<sup>6</sup>

No dia 24 do referido mês o Major Caldas adentrava definitivamente as matas da Baixada Maranhense para o combate do São Sebastião, integrando a sua tropa homens quer eram conhecidos como “corta mato”, os quais foram “Gabriel Ramalho, Bernardo Antonio Vieira, Carlos Borrumêo Ferreira, Gregorio José Fernandes, Pedro Leoncio de Hungria e Quirino José dos Reis”. Esses personagens eram de suma importância para o desdobramento das atividades das expedições anti-mocambeiras, pois geralmente eram indivíduos que vagavam pelas matas e estabeleciam contatos com os quilombolas.

A primeira guarnição estabelecida pela tropa foi num local que se chamava Três Furos. Na noite do dia 25, o voluntário Ramalho veio a contribuir com a expedição “no sentido de guarnecer-se um outro ponto, que ele sabia, mais acima d’aquella posição”<sup>7</sup>. A solicitação do “corta mato” foi recepcionada com bom grado pelo Major Caldas, ordenando ao cabo de esquadra José Carvalho e ao soldado Candido que acompanhassem Ramalho para a realização do procedimento.

Por capricho do destino os três seriam responsáveis pelo primeiro contato com os quilombolas do São Sebastião. Como nos informa o Major Caldas:

[...] Ainda distante do logar a que se destinavão perceberão um rumor n’agua em direção oposta a que levavão, e verificando em seguida ser uma canoa cheia de gente, que desde logo supuserão do mocambo, procuravão abordal-a intimando aos tripulantes para chegarem á fala; que estes n’uma rápida evolução dirigirão-se á

---

<sup>6</sup> Arquivo Público do Estado do Maranhão (doravante APEM) Secretaria de Governo (Autoridades Militares). Diferentes Majores 1832 – 1892. Caixa 181, avulsos. Relatório e Ofício do Major Honorato Cândido Ferreira Caldas. 1877.

<sup>7</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

margem esquerda do rio, não tendo ainda alcançando a praia quando o nosso casquinho, habilmente governado, esteve prestes a dar-lhes caça, atirarão-se n'água com tal precipitação que deixarão uma espingarda de dois canos, sendo esta incontinente submergida pelo soldado Candido; que do alto da ribanceira, dando logo pela falta da espingarda, começarão a exigil-a com expressões colericas e mesmo ousadas, passando depois a ameaças de fogo por se lhes ter dito que nada haviam deixado na canoa, porem Luciano e Ramalho (é para louvar-se tanto sangue frio e tino) sem darem signal algum de perturbação e nem de importância a taes ameaça, aproximarão-se bem perto á praia e convidarão-n'os a que viessem verificar com os seus próprios olhos a existência d'aquillo que reclamavão; que depois de uma ligeira hesitação, descerão 6 homens (era o numero de tripulantes), e ainda com modos e gestos provocadores, examinarão atentamente ambas as canoas, e reconhecendo a verdade da resposta que haviam tido, isto é, de não existir em nenhuma delas a arma em questão, imediatamente se abrandarão; que então, Luciano e Ramalho concebendo a feliz ideia de explicar-lhes o desaparecimento da espingarda, como tendo cahido no rio pela precipitação com que elles haviam saltado da canoa, logarão convencer-os de assim ter sucedido, e em seguida, certificando-se Ramalho de achar-se ali entre os 6, o governador do quilombo, de nome Daniel, com quem outrora se havia encontrado em pescaria, recordou-lhe esse conhecimento, e apoiado pelas duas praças tratou de reduzi-lo a vi falar comigo, garantindo-lhe, que de minha parte não havia intenção hostil contra ele e seu companheiros, antes pensava eu em promover-lhes toda a sorte de beneficios a meu alcance; que, afinal, Daniel convivia em falar comigo, mas que, em vez de vir ao meu acampamento, esperar-me-hia n'aquelle mesmo lugar, e com a condição de não irem comigo soldados<sup>8</sup>.

Por mais que a tropa do Major Caldas tivesse um caráter repressivo, isso não significaria dizer que não pudesse haver espaços para as negociações entre os dois grupos. Daniel era consciente que a vida dentro do quilombo já não era das melhores e sendo o Major Caldas representante do Império, esta seria uma boa oportunidade para que os mocambeiros pudessem registrar seus anseios e negociar sua liberdade definitivamente.

Estamos com effeito muito desgostosos da situação por causa dos gentios, e quando, há 4 annos, elles nos atacam pela primeira vez nos fizeram grandes estragos, eu a apresentei a ideia de irmos nos entregar ao governo do Imperio, para ficarmos livres daqueles maldictos, mas alguns forão de opinião contrária e assim tem convido o tempo sem trata-se disso, mesmo porque todos teem muito medo de voltar ao poder de seus senhores pelo mãos tratos que recebão; eu continuo com mesmo pensamento de outrora e estou prompto a aproveitar esta ocasião para realisar-o<sup>9</sup>.

Ao analisarmos o relato de Daniel podemos perceber que os conflitos sociais dos quilombolas não estariam apenas intimamente ligados à elite social, sendo também os indígenas responsáveis pela discórdia dessas organizações. De imediato, o conflito com os índios fez com que o chefe do quilombo cogitasse a hipótese de uma possível rendição. No entanto, sua figura como líder não implicaria numa espécie de poder absoluto, sendo está

---

<sup>8</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>9</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

decisão consentida se não por todos, por grande parte do grupo. Sendo assim, muitos zelaram pela resistência, pois o temor do cativo continuava presente em suas subjetividades.

Por sua vez, cabia ao Major Caldas utilizar de todo o discurso moral como representante legal do Governo do Maranhão para tentar convencer os quilombolas.

Fiz-lhe a conveniência de abandonarem o centro dos matos e deixarem aquella vida selvagem, principalmente agora que, segundo me constava, além das privações que soffrião, achavão constantemente sobressaltados com os Indios, que já os havião atacado e morto a muitos de seus companheiros; expliquei-lhes o favor da lei de 28 de Setembro de 1871, a condição indispensável da matricula para o direito do senhorio, a faculdade com que, actualmente, um escravo trabalhador e diligente pode promover a sua liberdade, e finalmente a grande diferença de condição, se voluntariamente me acompanhassem, para a sorte que os aguardava, mais tarde ou mais cedo, sendo agarrados<sup>10</sup>.

Convencido pelas palavras do Major Caldas, Daniel acatou o seu pedido e permitiu que a sua tropa pudesse adentrar ao quilombo, mas impôs uma condição de dois meses para que pudesse reunir as pessoas que integravam o quilombo. Todavia, tal condicionamento causou espanto no Major que logo hesitou:

Dessa forma nada faremos amigavelmente, porque não posso e nem devo sujeitar-me a esperar tanto. [...] Você verá que, depois de lá me achar, sabendo aquelles que mais receiosos e descontentes, que se tiverem escondido no mato, da maneira porque eu trato os outros, conservando-os em plena liberdade, e bem assim tendo conhecimento do melhoramento que podem obter fora destes ermos. [...] Enfim, Daniel, conduza-me ao quilombo e n'elle me faça entra pacificamente com a minha força. [...] A você garanto a liberdade assim como as pessoas de sua família, e aos seus companheiros, que não serão maltratados por seus senhores<sup>11</sup>.

A prosperidade da expedição do Major Caldas estava prestes acontecer. Pelo rumo que as negociações tomaram e por tal proximidade entre os grupos, os mocambeiros tinham consciência de que a rendição era o melhor caminho a ser tomado, caso contrário, um novo combate estava próximo e dessa vez os quilombolas estariam desfavorecidos.

No dia 27 de Novembro de 1876 após uma longa e satisfatória negociação as tropas adentrariam ao quilombo de São Sebastião. Nas proximidades do local Daniel solicitou ao Major para que pudesse dar um tiro. Encucado com a situação o Major Caldas lhe perguntou o motivo da manifestação. O líder quilombola o explicou se houvesse a resposta com dois tiros, significaria que os quilombolas ainda estivessem em seu governo e a paz reinava no local.

Na proporção em que o Major ao lado de Daniel chegava ao centro do quilombo, timidamente os negros começavam a deixar seus abrigos. “Quando despertei tinha em frente e aos lados grandes grupos quilombolas de ambos os sexos, quase todos armados, e muitas

---

<sup>10</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>11</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

crianças, uma desconfiança em alguns, perplexidade em outros, um caráter de resignação em muitos, mas em todos uma viva expressão de respeito”<sup>12</sup>.

Abismado com a situação em que se encontrava aquelas pessoas, o Major invocou uma oração ao Todo Poderoso, “suplicando-lhe de abençoar a missão que ali me levara”, além de “pedir preces em favor d’essas infelizes criaturas, e cuja a raça já tem de sobejo pago o penosíssimo tributo de ser a vergonha da humanidade e especialmente do Brasil”<sup>13</sup>.

Uma vez instalados dentro do mocambo, restava ao Major Caldas tomar as devidas providencias para que pudessem retirar os quilombolas das matas. Cogitou a hipótese de “accommmenttel-os á noite, á falsa fé, no intuito de prende-los, tomar-lhes as armas e no dia seguinte regressar com os presos”<sup>14</sup>. No entanto, se tomasse tal atitude o Major perderia toda a credibilidade alcançada, correndo o risco dos quilombolas se dispersarem rapidamente pela mata, e, sobretudo, por ser “uma dupla traição e vergonhosa covardia”<sup>15</sup>. Por outro lado, esperaria Daniel se prontificar para que houvesse a retirada de todos de forma espontânea.

Em meio a essas hipóteses, o Major decidiu tomar a seguinte postura:

deixa-los continuar a trazerem suas respectivas armas, á intuito de prevenção contra os índios, organizar uma policia secreta entre ele mesmos, tratar com o maior empenho de curar os doentes; empregar toda a solicitude e diligencias em fazer reinar a alegria no mocambo, repetindo a um e a outro o melhoramento de vida que ião ter e com taes alimentos inculindo a fé no animo de todos, sem nunca perguntar-lhes por seus senhores, ir suavemente preparando as coisas para abreve transformação<sup>16</sup>.

Esse foi o melhor caminho a ser seguido. Seria necessário cativa-los, deixar que esses pudessem cultuar e louvar seus Santos protetores. Perante a presença da tropa fizeram um festejo ao São Sebastião. Também era preciso mostrar aos quilombolas, ainda nos limites do mocambo, as melhorias de vida que seriam agraciados com a rendição.

Após tamanha “generosidade e compreensão” o Major Caldas já não poderia prolongar sua presença no quilombo. No dia 28 de Novembro, às seis horas da tarde, aproveitando a reunião dos quilombolas, o Major resolveu se manifestar:

Estando ali grassando as febres com muita força, segundo elles proprios se queixarão, e havendo difficuldade de manutenção para tanta gente, atenta a distancia e a natureza dos caminhos, era da maior conveniência que quanto antes sahissemos do mocambo, e que, por consequinte, aquelles que quisessem aproveitar alguma mandioca, tratassem de fazel-o sem perda de tempo, que lhes compraria toda a farinha, assim como arroz, milho, galinhas, patos e alguma cousa mais que tivessem afim de não ficarem prejudicados, e que finalmente, permitia-lhes de continuarem a trazer as suas armas como cautela necessaria contra as tentativas traiçoeiras dos

---

<sup>12</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>13</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>14</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>15</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/Sn.

<sup>16</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.



Índios, certo porém, de que, do outro lado do Tury, cada qual trataria de vendê-los, pois não consentiria a nenhum entrar armado na Vila do Pinheiro<sup>17</sup>.

De imediato a proposta feita pelo Major foi aceita pelos mocambeiros, pois no alvorecer do dia 29 de Novembro ofereceram a ele “generos e criação para comprar, e tal influencia entre elles a este respeito, que á porfía tratarão de fabricar farinha, pilar arroz, etc; de modo que até a última hora” da saída do Major “do quilombo ainda houve quem me viesse oferecer uma ninhã de pintos que prontamente”<sup>18</sup> comprou.

Foi nesse cenário que ocorreu o desfecho do mocambo de São Sebastião. Alguns dos quilombolas chegaram a esboçar um último ato de resistência ao fugirem enquanto os demais eram levados para o Braço do Laranjal. A chegada da tropa em Pinheiro ocorreu no dia 11 de Dezembro de 1826. Por mais que as negociações tivessem um bom andamento, as condições com que o Major Caldas se encontrava não eram das melhores, pois o mesmo relatou que da saída do mocambo até a Vila de Pinheiro foi constantemente auxiliados pelos mocambeiros, chegando ao ponto de ser carregado em redes pelos mesmos. “Mas, em, compensação, acabara de meter uma lança em África”<sup>19</sup>, como ele mesmo diz.

## Referências

ARAÚJO, Maria Raimunda. Notícias sobre os quilombos no Maranhão. In: Moura, Clóvis (Org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.

ARAÚJO, Mundinha. **Insurreição de escravos em Viana – 1867**. 2º Ed. São Luís: Edições AVL, 2006.

Arquivo Público do Estado do Maranhão. Secretaria de Governo (Autoridades Militares). Diferentes Majores 1832 – 1892. Caixa 181, avulsos. Relatório e Ofício do Major Major Honorato Cândido Ferreira Caldas. 1877

ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Quilombos Maranhenses. In: GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FIABANI, Aldemir. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo da escravidão às comunidades remanescentes (1532 – 2004)**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos: mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil, (séculos XVII – XIX)**. São Paulo: Ed. UNESP: Ed. Polis, 2005.

---

<sup>17</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>18</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

<sup>19</sup> APEM, caixa 181, avulsos, 1877, fl/sn.

\_\_\_\_\_. Africanos e crioulos no campesinato negro do Maranhão oitocentista. **Outros Tempos**, Rio de Janeiro, v.8, n.11, 2011. p. 63-89.

\_\_\_\_\_; PIRES, Antonio Liberac C. S. Origens da roça negra. **In:** FIGUEREIDO, Luciano (Org.). **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009. p. 103 – 106.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.